

O filho do rei que não temia nada

Era uma vez um príncipe a quem não agradava a vida na casa paterna, e como ele nada temia no mundo, pensou: "Vou sair a vagar pelo mundo branco, alegrar minha alma e ver toda sorte de maravilhas".

Despediu-se dos pais, pôs-se a caminho e viajou desde a manhã até à noite, sendo-lhe completamente indiferente para onde a estrada o levaria.

Aconteceu chegar ele à casa de um gigante e, como estivesse muito cansado, sentou-se junto à porta e começou a descansar. Olhando em redor, o príncipe viu no pátio os brinquedos do gigante: duas bolas enormes e boliche do tamanho de um homem.

Pouco depois, deu-lhe vontade de arrastar aqueles boliche e derrubá-los com a bola, e ele gritava alegremente quando os boliche caíam, divertindo-se de todo o coração.

O gigante ouviu o barulho, espreitou pela janela e viu um homem que não era de modo algum maior do que os outros homens, e contudo brincava com os seus boliche.

"Verme!", exclamou o gigante. "Como podes tu brincar com os meus boliche? Quem te deu tal força?"

O príncipe olhou para o gigante e disse: "Ah, seu tolo! Acaso pensas que só tu és forte no mundo? Pois eu sou capaz de tudo, bastando que tenha vontade!"

O gigante desceu, ficou admirado observando o jogo de boliche e disse: "Homem! Se és realmente assim, vai então e traz-me uma maçã da árvore da vida." "Para que a queres?", perguntou o príncipe. "Não preciso da maçã para mim", respondeu o gigante. "Tenho uma noiva que muito deseja obtê-la; mas por mais que eu tenha vagado pelo mundo branco, nunca consegui encontrar aquela árvore." "Pois eu a encontrarei!", disse o príncipe. "E não compreendo o que poderia impedir-me de arrancar essa maçã do galho?" "Acaso pensas que isso é fácil?", perguntou o gigante. "O jardim onde a árvore cresce está cercado por uma grade de ferro, e diante dessa grade jazem fileiras de animais selvagens guardando o jardim, não deixando ninguém entrar nele." "A mim deixarão entrar!", disse o príncipe, cheio de confiança. "Mesmo que entres no jardim e vejas a maçã na árvore, obtê-la ainda é difícil: diante daquela maçã pendura-se um anel, e através desse anel deves

estender a mão até à maçã, se desejas alcançá-la e arrancá-la, e isso ainda ninguém conseguiu." "Bom, pois a mim será possível", disse o príncipe.

Despediu-se do gigante, caminhou por montes e vales, por campos e vales, e finalmente chegou ao jardim encantado.

E realmente: em volta dele, junto à grade, jaziam os animais numa fila contínua; mas tinham as cabeças baixas e dormiam.

Nem mesmo acordaram quando o príncipe se aproximou deles, e ele passou por cima deles, escalou a grade e entrou feliz no jardim.

No meio daquele jardim estava a árvore da vida, e suas maçãs vermelhas brilhavam intensamente nos ramos!

Subiu pelo tronco acima e, apenas ia estender a mão para uma das maçãs, viu que pendia diante daquela maçã um anel...

E ele, sem hesitar, sem qualquer esforço, passou a mão através daquele anel e arrancou a maçã do galho...

O anel, porém, agarrou firmemente sua mão, e ele de repente sentiu em todo o seu corpo uma força enorme.

Quando o príncipe desceu da árvore com a maçã, já não quis escalar a grade novamente, mas agarrou-se aos grandes portões do jardim, sacudiu-os uma vez — e os portões abriram-se com estrondo.

Saiu do jardim, e o leão que jazia diante dos portões despertou e correu atrás dele, mas já não selvagem, não furioso — seguia-o mansamente, como a seu senhor.

O príncipe trouxe ao gigante a maçã prometida e disse: "Vês, obtive-a sem qualquer trabalho."

O gigante, alegre por seu desejo ter-se cumprido tão rapidamente, apressou-se para junto de sua noiva e entregou-lhe a maçã que ela tanto desejara.

Mas sua noiva era uma moça bela e inteligente, e quando não viu o anel na mão dele, disse: "Não acreditarei que tu mesmo obtiveste esta maçã enquanto não vir o anel na tua mão." O gigante disse: "Basta-me ir a casa e trazê-lo", pensando consigo que não seria difícil tomar à força de um homem fraco aquilo que este não quisesse ceder voluntariamente.

E assim exigiu o anel do príncipe; mas este não o entregou. "Ora, não! Onde está a maçã, ali deve estar também o anel!", disse o gigante. "E se não me o deres voluntariamente, terás de lutar comigo por esse anel!"

Lutaram longamente, mas o gigante de modo algum conseguia vencer o príncipe, a quem o anel mágico constantemente conferia forças.

Foi então que o gigante recorreu a uma astúcia traiçoeira e disse ao príncipe: "Aqueci-me demais com a luta, e tu também! Vamos banhar-nos no rio e refrescar-nos antes de voltar a lutar."

O príncipe, ignorante da traição, foi com o gigante até ao rio, tirou juntamente com as roupas também o anel de sua mão e lançou-se ao rio.

O gigante, porém, imediatamente agarrou o anel e fugiu com ele; contudo o leão, que notara o roubo, logo saiu em perseguição do gigante, arrancou-lhe o anel das mãos e trouxe-o de volta ao seu senhor.

Então o gigante voltou silenciosamente, escondeu-se atrás de um carvalho que crescia na margem e, no momento em que o príncipe começou a vestir-se, atacou-o e vazou-lhe ambos os olhos.

Assim o pobre príncipe ficou cego e desamparado; e o gigante novamente se aproximou dele, tomou-o pela mão, como se quisesse ajudá-lo, mas levou-o até à borda de um alto penhasco.

Ali o gigante o abandonou, pensando: "Eis que dará mais dois passos e cairá até à morte — então poderei tirar-lhe o anel."

Mas o leão fiel não abandonou seu senhor, agarrou-o firmemente pelas vestes e puxou-o suavemente de volta do penhasco.

Quando o gigante retornou para saquear o príncipe que supunha morto, convenceu-se de que sua astúcia falhara. "Será então impossível destruir de qualquer modo este homenzinho fraco!", disse apenas, pegou o príncipe pela mão e conduziu-o por outro caminho até à borda de um abismo; mas o leão, percebendo a má intenção, desta vez também livrou o príncipe do perigo.

Ao chegar bem à borda do abismo, o gigante soltou a mão do cego e quis deixá-lo sozinho, mas o leão empurrou o gigante com tal força que este próprio caiu no abismo e morreu despedaçado.

O animal fiel depois disso novamente conseguiu afastar seu senhor do abismo e conduzi-lo até uma árvore junto à qual corria um riacho límpido e transparente.

O príncipe sentou-se junto ao riacho, e o leão deitou-se na margem e começou a borrifar-lhe o rosto com água do riacho usando a pata.

Mal duas gotas daquela água regaram as órbitas dos olhos do príncipe, ele já começou a ver um pouco e de repente distinguiu um passarinho que voou bem perto dele e bateu contra o tronco da árvore; depois desceu até à água e mergulhou nela uma ou duas vezes — e já se elevou leve e, sem tocar nas árvores, voou entre elas, como se a água lhe tivesse devolvido a visão.

Nisso o príncipe viu o dedo de Deus — inclinou-se sobre a água do riacho, começou a lavar nela seus olhos e a mergulhar o rosto na água. E quando se levantou da água, seus olhos mostravam-se novamente tão claros e puros como nunca antes haviam sido.

O príncipe agradeceu a Deus pela grande misericórdia e partiu com seu leão a vagar pelo mundo branco. E aconteceu chegar ele a um castelo encantado. Nos portões do castelo estava uma donzela, esbelta e bela, mas totalmente negra.

Ela falou com ele e disse: "Oh, se pudesses libertar-me dos maus feitiços que pesam sobre mim!" "E que devo fazer para isso?", perguntou o príncipe. A donzela respondeu-lhe: "Deves passar três noites no grande salão do castelo encantado, e o medo não deve ter acesso ao teu coração. Por mais que te atormentem, deves suportar tudo sem emitir um som — então serei libertada dos feitiços! Sabe também que não tirarão a tua vida." "Meu coração não conhece o medo", respondeu o príncipe, "tentarei, com a ajuda de Deus."

E dirigiu-se alegremente ao castelo; e quando anoiteceu, sentou-se no grande salão e começou a esperar.

Até à meia-noite tudo estava tranquilo; mas à meia-noite levantou-se no castelo um terrível barulho, e de todos os cantos apareceram em multidão pequenos diabretes. Fingiram não vê-lo, sentaram-se no meio do salão, acenderam fogo no chão e começaram a jogar.

Quando um deles perdeu, disse: "Não vai bem! Meteu-se aqui um estranho, e ele é o culpado de eu estar perdendo." "Espera, já vou, demônio do fogão!", disse outro.

E o grito, o barulho e a algazarra cresciam cada vez mais, e ninguém poderia ouvi-los sem horror...

Mas o príncipe permanecia completamente calmo, e o medo não o tomava. Eis que todos os diabinhos de repente saltaram do chão e lançaram-se contra ele, e eram tantos que ele não conseguiu dar conta deles. Eles o rasgavam, arrastavam-no pelo chão, beliscavam, espetavam, batiam e torturavam, mas ele não emitiu nenhum som.

Ao amanhecer, desapareceram, e ele estava tão exausto que mal conseguia mover-se.

Quando clareou, uma donzela negra entrou na sala até ele. Trouxe-lhe uma garrafa com água viva, lavou-o com aquela água, e ele imediatamente sentiu em si um influxo de novas forças, e todas as suas dores cessaram de uma vez...

A donzela disse-lhe: «Uma noite suportaste com sucesso, mas ainda te aguardam mais duas».

Dito isso, ela se retirou, e ele conseguiu notar que seus pés já haviam embranquecido durante aquela noite.

Na noite seguinte, os demônios apareceram novamente e recomeçaram seu jogo; depois tornaram a atacar o príncipe e bateram e torturaram-no ainda mais cruelmente do que na noite anterior, de modo que todo o seu corpo ficou coberto de feridas.

Mas como ele suportava tudo em silêncio, finalmente foram obrigados a deixá-lo, e ao raiar do dia apareceu-lhe a moça negra e curou-o com água viva.

E quando ela se afastou dele, ele viu com alegria que ela já havia embranquecido até as pontas dos dedos das mãos.

Restava-lhe suportar apenas mais uma noite, mas essa seria a mais terrível!

Os demônios apareceram novamente em multidão...

«Ainda estás vivo! — gritavam eles. — Então é preciso torturar-te de tal forma que a alma saia de ti!»

Começaram a espetá-lo e batê-lo, começaram a arremessá-lo para lá e para cá, puxando-o pelas mãos e pelos pés, como se quisessem despedaçá-lo: no entanto, ele suportou tudo e não emitiu nenhum som.

Finalmente desapareceram; mas ele já jazia totalmente sem forças e imóvel; não conseguia nem mesmo levantar as pálpebras para olhar a donzela que entrara junto dele e o aspergia, e o banhava abundantemente com água viva.

E de repente todas as dores em seu corpo sumiram como por encanto, e ele sentiu-se fresco e saudável, como se tivesse despertado de um sono penoso; quando abriu os olhos, viu diante de si a donzela — branca como a neve e bela como um dia claro.

«Levanta-te, — disse ela, — e brande três vezes tua espada sobre a escada, e todos os encantos desaparecerão de uma vez».

E quando ele assim procedeu, todo o castelo foi imediatamente libertado dos encantamentos, e a donzela revelou-se uma rica rainha. Apareceram então os servos e anunciaram que no grande salão a mesa já estava posta e as iguarias servidas.

Em seguida, sentaram-se à mesa, começaram a beber e a comer juntos, e naquela mesma tarde celebraram e festejaram alegremente seu casamento.